

# Povo armado defende-se

★ Milícias populares e forças locais participam activamente

no combate aos bandidos armados

As Milícias Populares e as Forças Locais (ou Territoriais) desempenham um papel activo no combate ao banditismo na província de Manica. Lado a lado com as Forças Armadas de

Agora, sim, estamos verdadeiramente independentes porque não podemos ouvir mais tiros na nossa zona, diz Mudjarekera Roger Frank, 40 anos, miliciano da aldeia Dedeza em Manica, e trabalhador da empresa tabaqueira do Zónue. É um combatente forjado em várias lutas, desde que treinou para miliciano, em 1977. A sua aldeia ficava na mira dos bombardeiros de Ian Smith, que

do-se como miliciano no seu local de trabalho. A empresa tabaqueira de Zónue, também sofria ataques constantes, tendo perdido alguns tractores que foram queimados pelos bandidos armados. Depois da formação de milicianos, o inimigo começou a sofrer reveses, deixando mortos e material abandonado. Esta experiência segundo Mudjarekera serviu para alargar a formação das forças de autodefesa às aldeias próximas. Foi assim que ele se tornou secretário da aldeia de Dedeza e, ao mesmo tempo comandante das respectivas milícias.

Organizámos a defesa das aldeias, em colaboração com as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) e com as Forças Locais. Elas ocupam pontos estratégicos da nossa área e a floresta, onde se refugiam os bandidos armados. Nós protegemos directamente as aldeias, afirma o nosso entrevistado.

«AKA-VANDA!»

Outro testemunho sobre a participação dos milicianos no combate ao banditismo armado em Manica é de João Saize, 31 anos, apontador na Unidade Leiteira de Vanduzi. Conforme conta, a sua empresa, principalmente o bloco 9, era frequentemente assediado pelo inimigo. Em 1980 foi organizado o primeiro grupo de milicianos, de que João Saize faz parte.

Certa vez o inimigo lançou uma bazuka contra uma aldeia perto da empresa e nós, imediatamente, respondemos ao fogo, conta João Saize. Os milicianos não ficaram por aí, como também saíram em perseguição ao bando armado até à mon-

Moçambique (FPLM), elas são responsáveis pela actual melhoria da segurança em vastas zonas desta região central do País.

tanha, onde se travou um combate duro.

Éramos apenas nove, mas a maneira como combatemos fez com que o inimigo debandasse, abandonando alguns cadáveres e «sacudús». Mais tarde, contactou os seus madjibas (agentes, no seio da população) para saber qual era a força que protegia agora a empresa.

«AKA-VANDA!» (São muitos), disseram os madjibas, referindo-se à força dos milicianos. O inimigo há muito que não volta a atacar a nossa empresa, diz ainda João Saize.

REVITALIZAR MILICIANOS

Encontrámos Mudjarekera e João Saize em Chimoio, onde estavam a participar num curso de formação de oficiais das Milícias Populares, nos fins do mês de Julho. O curso, frequentado por cerca de centena e meia de instruídos, decorria no Centro de Formação Politico-Militar 22 de Julho, nos arredores da capital provincial, com a duração de 45 dias. O nome do centro foi dado em homenagem à data em que o Presidente Samora Machel, anunciou publicamente a decisão de se armar o Povo para defesa da Pátria.

Segundo o Comandante Militar Provincial, Major-General Tobias Dai, a realização deste curso enquadra-se nos esforços de revitalização das milícias populares, corrigindo os aspectos negativos que elas comportavam, conforme observações recentemente feitas pela Direcção do Partido Frelimo. Uma das medidas tomadas na província de Manica é o aquartelamento dos milicianos, quando estão em serviço. O miliciano que não está de serviço, está no seu local de produção. Só quan-

do é escalado para guarnição ou vai em patrulha está armado e ocupa um local previamente determinado, com uma missão bem definida, disse aquele oficial superior.

Outra medida importante, foi dotar os milicianos de comandos politicamente formados e seguros, para não



Mudjarekera Roger Frank: — «Não queremos ouvir mais tiros na nossa aldeia»

permittedem desvios do comportamento que lhes é exigido.

O objectivo, ainda de acordo com o Major-General Tobias Dai, é fazer com que o miliciano tenha consciência clara da sua missão. Queremos que no seu trabalho concreto junto das massas ou junto dos trabalhadores, cada miliciano saiba claramente que a arma que traz é apenas para defender o Povo.

EMPRESAS DEFENDIDAS

Quase todas as empresas principais na província de Manica (incluindo a capital), têm já milicianos formados. Muitos deles com experiência de combate, uma vez que não só se limitam a defender o seu local de residência ou de trabalho, como, quando necessário, são integrados em unidades das Forças Armadas em missões combativas.

Na cidade de Chimoio, os milicianos da Textáfrica são dos que mais experiência de organização possuem. Nesta empresa, com cerca de quatro mil trabalhadores, uma boa parte já tem preparação militar e existe um corpo de milicianos que apenas se dedica às tarefas de autodefesa, tendo sido desligado da produção.

Além do sector fabril, a Textáfrica possui uma vasta área com actividades agro-pecuárias. Segundo Xavier Massoka Allinete, 30 anos, mestre geral

de mecânica, de profissão, e presentemente, comandante do batalhão das Milícias Populares da Textáfrica, a preparação dos trabalhadores para a autodefesa iniciada em 1978, acelerou-se em 1979 devido à intensificação da actividade inimiga.

— Alguns dos nossos camiões acionavam minas e foram queimados quando se deslocavam ao campo, em busca de lenha. Em 1982, o inimigo tentou destruir uma das nossas barragens para captação de água e tinha ocupado uma quinta, com 53 cabeças de gado, e um pomar, durante 3 meses. Mas agora guarnecemos todos os sectores estratégicos da empresa, alguns dos quais se situam a cerca de 20 quilómetros da nossa sede. Em 1982, conseguimos também neutralizar 15 bandidos armados, em missões de espionagem, que entregámos às Forças de Segurança».

CONTRA BANDIDOS ARMADOS E NÃO-ARMADOS

Os milicianos, principalmente nas cidades, não se dedicam apenas à defesa contra os bandidos armados. O seu alvo são também os não armados, em particular os que sabotam a nossa economia. Segundo Filipe Samanjane, 43 anos, miliciano na fábrica EMMA, em Chimoio, têm tido êxitos na neutralização dos que tentam roubar tecidos e malhas da sua empresa. Nos bairros, há também trabalho a realizar. Como diz Miguel Matacame, gueiros de cigarros, capulanas ou de milho e os marginais, e outros perturbadores da ordem social.

Mas tanto nas empresas como nos bairros em toda a província de Manica, prossegue a preparação de mais milicianos, de modo a tornar os locais de trabalho e de residência, enfim, a província mais impermeáveis às acções inimigas.



Xavier Massoka Allinete: — «Já conseguimos neutralizar 15 bandidos armados»



João Saize: — «Os bandidos armados têm medo de nós»

ai realizaram, em 1980, uma das mais cruéis matanças de populações, segundo Mudjarekera.

É um dia que nunca esquecerei, recorda Na véspera, um fazendeiro rodesiano tinha mandado um dos seus trabalhadores prevenir-nos que o exército de Smith deveria estar a preparar um ataque contra nós, uma vez que concentrava muitos meios e efectivos perto da fronteira. Mas pensámos que não era connosco. Quando o inimigo atacou apanhou os habitantes da aldeia desprevenidos e, além disso, os milicianos eram poucos. Segundo o nosso interlocutor, os agressores fizeram muitas vítimas e destruíram culturas antes da chegada das Forças Armadas de Moçambique idas do Chimoio.

Mas esse foi apenas um episódio na vida da aldeia de Dedeza. O banditismo armado fez também daquela zona uma das suas áreas de acção. Com frequência, investia contra ela, roubava bens da população, queimava as suas casas e culturas. Até que a população se organizou para a autodefesa.

E DISSERAM «NÃO!»

Mudjarekera foi dos primeiros a receber preparação militar, engajando-se como miliciano no seu local de trabalho.



Milícias Populares da Textáfrica